

Gravação cale_se_ep_02_driblando_a_censura_on_vimeo

Duração do Áudio: 00:24:43

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	NÃO IDENTIFICADO
Orador B	NÃO IDENTIFICADO
Orador C	NÃO IDENTIFICADO
Orador D	NÃO IDENTIFICADO
Orador E	NÃO IDENTIFICADO
Orador F	NÃO IDENTIFICADO
Orador G	NÃO IDENTIFICADO
Orador H	NÃO IDENTIFICADO

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador I	NÃO IDENTIFICADO
Orador J	NÃO IDENTIFICADO
Orador K	NÃO IDENTIFICADO
Orador L	NÃO IDENTIFICADO
Orador M	NÃO IDENTIFICADO

Orador A: Pô, o sentimento [lá em cima] foi um horror, né? Porque você sentiu, pressentia que a coisa ia... o bicho ia pegar.

(música)

Orador B: Que a partir dali, além do regime endurecer, era um grande “cala a boca” geral.

Orador C: Eu tive uma... uma sensação assim, na época, de que assim... eu falei com o meu parceiro Ronaldo Bosco, eu falei: “Ronaldo, a gente vem de uma linha de composição, né?”. Eu falo muito daquele Rio de Janeiro que era maravilhoso, né? Das praias, era a vida... a gente falava da vida da gente. E eu falei: “Olha, acho que essa trilha nossa não vai servir muito para esse momento não. Eu acho que a gente podia dar uma pausa, de repente, daqui a um ano a gente volta”. Mas foram muitos mais anos, né?

Orador D: A censura é um tipo de terrorismo e ali foi um corte, sentiu-se que a partir dali a coisa pegou mesmo.

Orador E: Eu fui estudar música mais sério, estudar orquestração, eu digo: “Deixa eu andar por outros caminhos até a coisa voltar”. Eu fui convidado para ser diretor artístico da PolyGram e passei dezesseis anos lá. Então aí, eu lidei com a coisa perto de mim.

(música)

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador F: Na verdade, você não tinha uma pré-negociação, você tinha as regras que eram impostas e você jogava dentro disso. Primeiro, a primeira regra é a que prejudicou bastante, é que nós podemos censurar, eles, né? Podemos censurar qualquer coisa. Depois... mas a gente grava e depois você censura, aí quantas coisas foram jogadas fora, quantas coisas tiveram que ser repetidas, né? E quando veio o negócio da... de pedir a letra antes, parecia uma coisa pior. Mas para a gente que trabalhava com música foi melhor, porque você tinha chance de driblar aquilo ou até de negociar aquilo. Cara, não é explicável e algumas coisas passavam. Algumas não, a gente driblava mesmo. A música de Caetano que fala: “Eu como, eu como, eu como, eu como, eu como você”, era assim. E eu botei: “Eu como, eu como, eu como, eu como, eu como, você não vê...”, sabe? Então, mudou tudo, aí passou beleza. [inint] [00:06:30] quando eles ouviram a música gravada...

(música)

Orador G: Eu me lembro que no projeto Pixinguinha, eu acabei preso em Vitória do Espírito Santo, porque nós tínhamos que botar tudo na censura, né? Todas as... o roteiro da censura e tinha que... qualquer coisa fora daquele roteiro era um... era... não era muito aceitável para eles. E no projeto Pixinguinha eu cantei duas músicas fora do roteiro, claro que no dia seguinte invadiram o meu apartamento do hotel e me levaram para a Polícia Federal, no caso, lá de... da cidade de Vitória.

(música)

Orador H: [inint] [00:08:10] foi uma bobagem na realidade, porque o verso final dizia: “Se me der na veneta eu morro e volto para cuspir na... na sopa ralada eu volto para cuspir e na sopa ensopada eu volto para cuspir”. Wally Salomão, meu parceiro letrista.

(música)

Orador H: E achavam aquilo que a gente estava falando... estava falando daquele prato que estavam nos servindo, que era aquele... aquele prato ditatorial e tal, aquele tipo de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

situação que a gente estava vivendo, sacaram. “E atenção para a próxima concorrente, [inint] [00:09:01]”. O quarto Festival Internacional da Canção, mil novecentos e sessenta e nove, logo depois do caso do AI-5 e que a música era uma paródia da cidade do Batman, tal, né? Do gibi, o Batman e... [feito pelo] Capinam, Jose Carlos Capinam. Mas o sentido... aí que vem a interpretação, o sentido da coisa não só busca parodiar aquele momento, né? Como também a interpretação [agressiva] fazia com que ela se... ela se demonstrasse contestatória, né? Agora, o público, a maior censura, na realidade, foi do público. O “Gotham City” foi vaiado do princípio ao fim e [inint] [00:09:53] assim como se estivesse na arena, né? [Corta].

(música)

Orador H: A censura mora, além da política, é claro que era o segundo degrau da censura. E aí, os absurdos se sucediam.

(música)

Orador I: [inint] [00:10:34] eu e Alceu, né? Aí tinha esse negócio, tinha que entregar as músicas, as letras da música para a gravadora e a gravadora mandava para a censura. Aí quando, daqui a pouco, a gravadora chamou: “Olha, vocês... tem uma música lá que a censura não aprovou e quer que vocês... quer ver vocês” (risos). A gente foi nervoso. Aí cheguei lá: “Qual o problema da música?”. Era o “Talismã”, era assim: “Joana, me dê um talismã. Viajar, você já pensou em mais eu viajar?”. Na cabeça deles, aquilo ali era uma viagem de tóxico, né? (risos) E a Joana ali era a maconha (risos). Eu não sei [na cabeça deles]: “Ah, não. Claro que eles quiseram se referir à maconha”. Aí a gente foi negociar, aí bota o nome e tal (risos). Bota o nome. Aí o Alceu queria botar Irene, mas eu digo: “Mas Irene, o Caetano lançou uma música chamada “Irene”, “Irene” de Caetano. Não. Vamos...”. Aí chegamos... chegamos a... na Diana.

(música)

Orador J: Eu era encarregado, como advogado da PolyGram, de fazer... cuidar da

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

liberação em Brasília. E à época, inclusive, era uma pessoa... era um... a censura era um serviço antigamente, depois, passou a ser uma diretoria no departamento de polícia federal. A doação da chamada DCDP , o do chamado DCDP, o Departamento de Censura e Diversões Públicas, sempre evidentemente castrava muito mais do que liberava. Portanto, a própria sigla ficou como uma maldição dentro da criação artística, né? E é claro que a partir de setenta e três, [inint] [00:12:58] DCDP [clarou] que piorou intensamente.

(música)

Orador K: Em mil novecentos e setenta três, se eu não estou errado, o Chico Buarque com dinheiro investido pela então PolyGram, hoje, Universal, resolveram fazer um show como nunca tinha sido feito no Brasil e não sei se um dia voltará a fazê-lo. Porque era Chico Buarque, Mpb4, Jacques Klein no piado e Orquestra Sinfônica Brasileira regida pelo Karabtchevsky no Canecão, um show caro. E o Chico com tudo quanto é música vetada. Bom, aí eu me preparei para ir a Brasília liberar mais um monte de músicas, era o Samba em Orly, que eu levei meu irmão, pega esse avião e tal. E no último momento, me entregaram a construção, sem letra, sem música, perdão. Aí eu li a letra e fiquei encantado, é uma música toda em versos alexandrinos, né? Alexandrinos perfeitos. E todos terminados em proparoxítone. Eu fiquei tocado àquilo e fiz uma coisa de [inint] [00:14:14], de maluco, né? Eu tinha trinta e três anos. Eu cheguei para o censor que estava [com as músicas] do Chico: “Fulano, quer censurar essa porcaria de uma vez? [inint] [00:14:24] que eu não posso perder tempo, eu vou para Brasília amanhã”. “Pô, também não é assim, né?”, ele. Aí ele leu, ainda falei: “É boa demais, bonita demais para vocês entenderem”. Aí o cara ficou tocado, ele [inint] [00:14:40], liberou (risos). Aí lá vou eu para Brasília.

(música)

Orador K: No dia seguinte, eu volto e de noite encontro... o pessoal estava no ensaio, ensaio geral no Canecão. Aí eu entrei e eu era aguardado, como se fosse uma estrela

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

(risos). Aí pararam o show e o Chico fez assim: “E aí?”. Aí eu fiz com a cabeça assim, aí abri a pasta, joguei tudo para o alto, eu disse: “Tá tudo liberado” (risos).

(música)

Orador L: O Chico nunca quis, ele não quis diálogo nenhum com o pessoal, né? [Eles até toparam]: “Tá. Essa música... se é essa letra, essa palavra, tudo bem, a gente muda”. Mas não... ele não queria diálogo.

Orador K: Olha, a coisa era difícil, porque o autor é o mais prejudicado, porque o autor é só ele, a gravadora tem outros artistas.

(música)

Orador K: [Ele botou essa coisica], falando... referência... era titica. “[inint] [00:18:04] nós estamos ferrados”.

(música)

Orador L: O ano de setenta e três era um exemplo que a gente queria dar ao público do quê que a gente estava fazendo de música popular bacana, popular brasileira. Porque, na época, era popular, o Chico era popular, todo mundo era popular, né? Tocava nas rádios. E fizemos... resolvemos fazer um grande show de três dias no Anhembi, em São Paulo, né? E a gente chama de Phono 73, que era o ano. E Chico e Gil fizeram a música que chama “Cálice”, né? Que falava cálice em duas coisas, né? Cálice, né, era do sangue, bebia o vinho, né? E o cálice. E essa música que foi censurada e os caras que mandaram para a gente falaram: “Não pode cantar”. Eu apenas falei para eles: “Está aqui, olha, [inint] [00:20:42]”. Aí o Chico me viu e falou assim: “Mas nós vamos cantar”. Tudo bem. Eu estava no terceiro andar assim, que era onde tinha a cabine de som e eles começaram a cantar e a gente vai gravando, vai gravando, né? E subiu um cara... entrou um cara, rapaz, já entrou batendo: “[inint] [00:21:00]”. Eu digo: “O quê que houve, né?”. “Olha lá os caras cantando, desliga o som, desliga o som”. Então, o quê que eu fiz, desliguei o som da sala, né? E daí... e está gravando, porque está

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

gravando direto, desligamos o autofalante da sala. Aí o cara ficou: “Você não sabia de...”. “Cara, eu não estou... não tem... nem sabendo que música, eu estou aqui na parte técnica”. E está rolando, está rolando o show lá embaixo, né? E ele aqui achando ruim, desligou e foi indo, tanto que a gente conseguiu acho que as músicas [inint] [00:21:31], né? E ele: “Ah, porque é um absurdo [trazer]...”. Ele falou: “Eles estão cantando lá embaixo. Mas você não desligou o som?”. “Desliguei o som que eu tenho, o som que eu tenho é esse aqui, é o da gravação”. Na verdade, não desliguei o da gravação, desliguei da sala de gravação, né? Continuou gravando. Aí o cara desceu, ficou uma fera. Mas tudo isso leva um tempo, quer dizer, levou o tempo dele subir, levou o tempo da enrolação comigo e levou o tempo da descida. Agora, lá embaixo eu não sei, quer dizer, se eles foram no... no cara do som direto. Quer dizer, até hoje eu não sei dessa coisa, porque devia ter muita gente de censura, você não sabia quem era, né? Mas devia ter muita gente. Esse cara apareceu, claro, esbravejando, ele era um. Agora, quem são os outros que estavam lá certamente, né? Essa era uma linha muito tênue assim, de repente, numa dessa, eu estaria preso, né?

(música)

Orador M: Então, começaram a surgir metáforas, metáforas. E houve uma época no Brasil que tudo era metáfora.

(música)

Fim da Gravação 00:24:43